

E. Lockhart

MENTIROSOS

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by E. Lockhart

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL We Were Liars

CAPA Cassio Leitão

IMAGEM DE CAPA Bloom image/ Getty Images

ILUSTRAÇÕES © 2014 by Abigail Daker

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lockhart, E.

Mentirosos / E. Lockhart ; tradução Flávia Souto Maior. —
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: We Were Liars.

ISBN 978-85-65765-48-0

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título.

14-08656

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

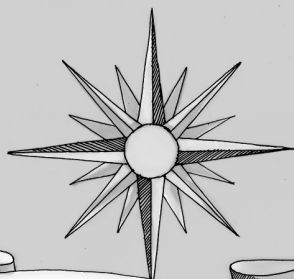
Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/edoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Para Daniel



Ilha Beechwood

Massachusetts, EUA

← Porto de Martha's Vineyard

Cais dos empregados

Ancoradouro

Casa dos empregados

Entrada de empregados e
quartinho dos fundos

Trilha da costa

Passagem de madeira

Clairmont
Família Sinclair
Tipper, Harris e os cães
Príncipe Philip e Fatima



Windemere

Família Eastman

Penny, Cadence e os cães
Bosh, Grendel e Poppy

Oceano Atlântico →

Cuddledown

Família Sheffield

Bess, Mirren, Taft,
Liberty e Bonnie

Red Gate

Família Dennis

Carrie, Johnny, Will,
Ed e Gat

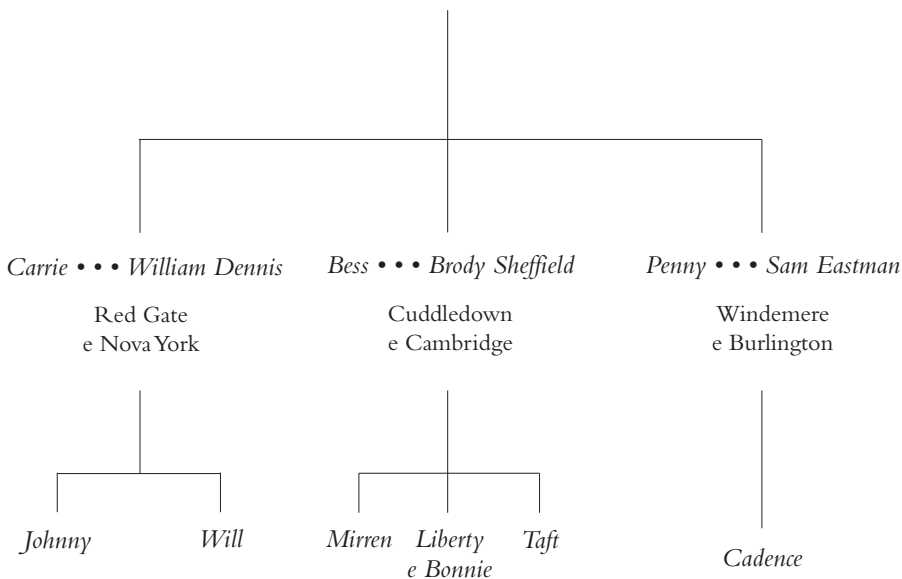
Cais da
família

Família Sinclair



Harris Sinclair e Tipper Taft

Clairmont
e Boston



PARTE UM
Bem-vindo

1

BEM-VINDO À bela família Sinclair.

Ninguém é criminoso.

Ninguém é viciado.

Ninguém é um fracasso.

Os Sinclair são atléticos, altos e lindos. Somos democratas tradicionais e ricos. Nosso sorriso é largo, temos queixo quadrado e sacamos forte no tênis.

Não importa se o divórcio retalha os músculos do nosso coração a ponto de mal conseguir bater sem esforço. Não importa se o dinheiro do fundo de investimento está acabando, se as faturas do cartão de crédito não são pagas e se acumulam sobre a bancada da cozinha. Não importa se tem um monte de frascos de comprimidos sobre a mesa de cabeceira.

Não importa se um de nós está desesperadamente, desesperadamente apaixonado.

Tão

apaixonado

que medidas desesperadas

precisam ser tomadas.

Somos Sinclair.

Ninguém é carente.

Ninguém erra.

Vivemos, pelo menos durante o verão, em uma ilha particular perto da costa de Massachusetts.

Talvez isso seja tudo o que você precisa saber a nosso respeito.

2

MEU NOME COMPLETO é Cadence Sinclair Eastman.

Moro em Burlington, Vermont, com minha mãe e três cães.

Tenho quase dezoito anos.

Tenho um cartão de biblioteca bem gasto e pouco mais que isso, embora more em uma casa enorme cheia de objetos caros e inúteis.

Eu era loira, mas meu cabelo agora está preto.

Eu era forte, mas agora sou fraca.

Eu era bonita, mas agora pareço doente.

É verdade que aguento terríveis enxaquecas desde o acidente.

É verdade que não aguento idiotas.

Gosto de distorcer significados. Percebe? *Aguentar* enxaquecas. Não *aguentar* idiotas. A palavra significa quase a mesma coisa nas duas frases, só que não.

Aguentar.

Você pode dizer que é o mesmo que “suportar”, mas não estaria cem por cento certo.

MINHA HISTÓRIA COMEÇA antes do acidente. Em junho, no verão em que eu tinha quinze anos, meu pai foi embora com uma mulher de quem gostava mais do que da gente.

Ele era um professor universitário de história militar relativamente bem-sucedido. Eu o adorava. Ele usava paletó de tweed. Era magro. Tomava chá com leite. Gostava de jogos de tabuleiro e me deixava ganhar, gostava de barcos e me ensinou a andar de caiaque, gostava de bicicletas, livros e museus.

Nunca gostou de cachorros, e um sinal do quanto amava minha mãe era deixar nossos golden retrievers dormirem no sofá e caminhar quase cinco quilômetros com eles todas as manhãs. Também nunca gostou dos meus avós, e um sinal do quanto amava minha mãe e eu era passar todos os verões em Windemere, na ilha Beechwood, escrevendo artigos sobre guerras disputadas há tempos e encarando os parentes com um sorriso no rosto em todas as refeições.

Naquele mês de junho, no verão dos meus quinze anos, meu pai anunciou que estava indo embora e partiu dois dias depois. Ele disse à minha mãe que não era um Sinclair e não podia tentar ser um, não mais. Ele não podia sorrir, não podia mentir, não podia fazer parte daquela linda família que morava naquelas lindas casas.

Não podia. Não podia. Não queria.

Ele já tinha contratado o caminhão de mudança. E alugado uma casa. Colocou a última mala no banco de trás da Mercedes (deixou o Saab para minha mãe) e ligou o motor.

Então sacou uma pistola e atirou no meu peito. Eu estava em pé no gramado e caí. O buraco da bala se alargou e meu

coração saiu rolando da caixa torácica até o canteiro. O sangue jorrava continuamente da ferida aberta,
depois de meus olhos,
meus ouvidos,
minha boca.

Tinha gosto de sal e fracasso. A desonra vermelho-vivo do desprezo encharcava o gramado diante da nossa casa, os tijolos da entrada, os degraus da varanda. Meu coração se debatia entre as peônias como uma truta.

Minha mãe me repreendeu. Disse para eu me recompor. Aja como uma pessoa normal, ela disse. Agora mesmo. Porque você é. Porque você pode ser. Não faça escândalo, ela disse. Respire e endireite-se. Fiz o que ela pediu.

Ela era tudo o que me restava.

Minha mãe e eu erguemos a cabeça. Meu pai dirigia colina abaixo. Entramos e destruímos os presentes que ele havia nos dado: joias, roupas, livros, tudo. Nos dias seguintes, nos livramos do sofá e das poltronas que eles tinham comprado juntos. Jogamos fora a porcelana que fora presente de casamento, a prataria, as fotos.

Compramos móveis novos. Contratamos um decorador. Encomendamos prataria da Tiffany. Passamos um dia inteiro visitando galerias de arte e compramos quadros para cobrir os espaços vazios das paredes.

Pedimos para os advogados do meu avô protegerem os bens da minha mãe.

Depois fizemos as malas e fomos para a ilha Beechwood.

3

PENNY, CARRIE E BESS são as filhas de Tipper e Harris Sinclair. Harris herdou seu dinheiro aos vinte e um anos, quando saiu de Harvard, e aumentou a fortuna fazendo negócios que nunca me dei o trabalho de entender. Ele herdou casas e terras. Tomou decisões inteligentes no mercado de ações. Casou-se com Tipper e a manteve na cozinha e no jardim. Exibia-a usando pérolas, em veleiros. Ela parecia gostar.

O único fracasso do meu avô foi nunca ter tido um filho homem, mas não importa. As filhas dos Sinclair eram bronzeadas e afortunadas. Altas, alegres e ricas, aquelas meninas eram como princesas de um conto de fadas. Eram conhecidas em Boston, Harvard Yard e Martha's Vineyard por seus cardigãs de caxemira e festas grandiosas. Foram feitas para virar história. Foram feitas para ser princesas e estudar nas melhores escolas, ter estátuas de marfim e casas majestosas.

Meu avô e Tipper amavam as meninas e não sabiam dizer qual delas amavam mais. Primeiro Carrie, depois Penny, depois Bess, depois Carrie de novo. Elas tiveram festas de casamento espalhafatosas com salmão e harpistas, netos loiros e cães divertidos de pelo amarelo. Ninguém podia ter mais orgulho de suas lindas garotas americanas do que Tipper e Harris tinham, naquela época.

Eles construíram três novas casas em sua escarpada ilha

particular e deram um nome a cada uma: Windemere para Penny, Red Gate para Carrie e Cuddledown para Bess.

Sou a neta mais velha dos Sinclair. Herdeira da ilha, da fortuna e das expectativas.

Bem, talvez.

4

EU, JOHNNY, MIRREN E GAT. Gat, Mirren, Johnny e eu.

A família se refere a nós quatro como os Mentirosos, e é provável que mereçamos. Temos quase a mesma idade, e todos fazemos aniversário no outono. Quase todos os anos causamos problemas na ilha.

Gat começou a ir para Beechwood quando tínhamos oito anos. No verão dos oito, como dizíamos.

Antes disso, Mirren, Johnny e eu não éramos Mentirosos. Éramos apenas primos, e Johnny era um chato porque não gostava de brincar com meninas.

Johnny é estalo, iniciativa e sarcasmo. Na época, pendurava nossas Barbies pelo pescoço ou atirava na gente com armas de Lego.

Mirren é açúcar, curiosidade e chuva. Na época, passava longas tardes com Taft e as gêmeas, mergulhando na praia maior enquanto eu desenhava em papel quadriculado e lia na rede da varanda da Clairmont.

Então Gat veio passar os verões conosco.

O marido da tia Carrie a deixou quando ela estava grávida

do irmão de Johnny, Will. Não sei o que aconteceu. A família nunca fala disso. No verão dos oito, Will era bebê e Carrie já estava com Ed.

Esse Ed era um comerciante de arte e adorava crianças. Isso era tudo o que sabíamos sobre ele quando Carrie anunciou que o levaria para Beechwood com Johnny e o bebê.

Eles foram os últimos a chegar naquele verão e quase todos estávamos no cais esperando o barco se aproximar. Meu avô me levantou para que eu pudesse acenar para Johnny, que usava um colete salva-vidas laranja e gritava na proa.

Vovó Tipper estava ao nosso lado. Ela desviou os olhos do barco por um instante, colocou a mão no bolso e tirou uma bala de menta. Desembalou-a e colocou na minha boca.

Quando voltou a olhar para o barco, o rosto de vovó mudou. Apertei os olhos para enxergar o que ela via.

Carrie desceu com Will no colo. Ele usava um colete salva-vidas amarelo para bebês e não dava para ver muito mais do que alguns fios de cabelo loiro quase branco por cima. Ficamos felizes quando o vimos. Aquele colete, que todos havíamos usado quando bebês. O cabelo. Como era maravilhoso que aquele menininho que ainda nem conhecíamos fosse, de maneira tão óbvia, um Sinclair.

Johnny saltou do barco e jogou o colete sobre o cais. A primeira coisa que fez foi correr até Mirren e chutá-la. Depois me chutou. Chutou as gêmeas. Foi até nossos avós e endireitou o corpo.

— É bom ver vocês, vovó e vovô. Estou ansioso por um verão feliz.

Tipper o abraçou.

— Sua mãe pediu para falar isso, não pediu?

— Pediu — respondeu Johnny. — E quero dizer que é um prazer ver a senhora de novo.

— Bom menino.

— Posso ir agora?

Tipper beijou seu rosto sardento.

— Vá.

Ed desceu depois de Johnny, parando para ajudar a tripulação a descarregar a bagagem do barco a motor. Ele era alto e magro. Sua pele era muito escura — tinha ascendência indiana, depois ficamos sabendo. Usava óculos de armação preta e roupas alinhadas e urbanas: um terno de linho e camisa listrada. A calça estava amassada da viagem.

Meu avô me colocou no chão.

A boca da vovó Tipper formou uma linha séria. Depois ela mostrou todos os dentes e deu um passo à frente.

— Você deve ser o Ed. Que surpresa agradável.

Ele apertou a mão dela.

— Carrie não avisou que eu vinha?

— É claro que avisou.

Ed olhou para nossa família extremamente branca. Virou-se para Carrie e perguntou:

— Onde está Gat?

Chamaram por ele, que saiu do barco tirando o colete salva-vidas, olhando para baixo para soltar as fivelas.

— Mãe, pai — disse Carrie —, trouxemos o sobrinho do Ed para brincar com Johnny. O nome dele é Gat Patil.

Meu avô estendeu o braço e deu um tapinha na cabeça de Gat.

— Olá, meu jovem.

— Olá.

— O pai dele faleceu este ano — explicou Carrie. — Ele e Johnny são melhores amigos. Vai ser de grande ajuda para a irmã de Ed se ficarmos com ele por algumas semanas. E, Gat, você vai poder fazer piquenique e nadar como conversamos. Está bem?

Mas Gat não respondeu. Estava olhando para mim.

Seu nariz era grande, a boca, meiga. Pele bem morena, cabelo preto e ondulado. Corpo carregado de energia. Parecia que alguém tinha dado corda nele. Como se procurasse alguma coisa. Era todo contemplação e entusiasmo. Ambição e café forte. Eu poderia ficar olhando Gat para sempre.

Nossos olhares se encontraram.

Eu me virei e saí correndo.

Gat foi atrás. Dava para ouvir seus pés me seguindo pelas passagens de madeira que cruzavam a ilha.

Continuei correndo. Ele continuou seguindo.

Johnny perseguia Gat. E Mirren perseguia Johnny.

Os adultos continuaram conversando no cais, cercado Ed com educação, babando sobre o bebê Will. Os pequenos faziam seja lá o que os pequenos fazem.

Nós quatro paramos de correr na praia pequena perto de Cuddledown. É uma pequena faixa de areia com pedras altas dos dois lados. Ninguém ia muito lá naquela época. A praia maior tinha areia mais fofa e menos algas.

Mirren tirou os sapatos e nós todos fizemos o mesmo. Jogamos pedras na água. Só existíamos.

Escrevi nossos nomes na areia.

Cadence, Mirren, Johnny e Gat.

Gat, Johnny, Mirren e Cadence.

Foi o nosso começo.

JOHNNY IMPLOROU para que Gat pudesse ficar mais tempo.

Ele conseguiu o que queria.

No ano seguinte, implorou para que ele viesse passar o verão inteiro.

Gat veio.

Johnny era o neto mais velho. Meus avós quase nunca diziam não para Johnny.

5

NO VERÃO DOS CATORZE, Gat e eu pegamos o barco a motor pequeno sozinhos. Foi logo depois do café da manhã. Bess obrigou Mirren a jogar tênis com as gêmeas e Taft. Johnny tinha começado a correr aquele ano e estava dando voltas na trilha da costa. Gat me encontrou na cozinha de Clairmont e perguntou se eu queria sair de barco.

— Na verdade, não.

Eu queria voltar para a cama com um livro.

— Por favor!

Gat quase nunca pedia por favor.

—Vá você.

— Não posso pegar o barco — ele disse. — Não parece certo.

— É claro que pode.

— Não sem um de vocês.

Ele estava sendo ridículo.

— Aonde você quer ir? — perguntei.

— Só quero sair da ilha. Às vezes não suporto ficar aqui.

Eu não conseguia imaginar, na época, o que ele não suportava na ilha, mas concordei. Saímos de barco pelo mar usando jaquetas corta vento e roupa de banho. Depois de um tempo, Gat desligou o motor. Ficamos comendo pistache e respirando o ar salgado. A luz do sol brilhava sobre a água.

— Vamos entrar — eu disse.

Gat pulou e eu fui atrás, mas a água estava tão mais fria do que perto da praia que tirou nosso fôlego. O sol se escondeu atrás de uma nuvem. Soltamos risadas de pânico e gritamos que entrar na água havia sido uma ideia muito idiota. O que tínhamos na cabeça? Havia tubarões longe da costa, todos sabiam disso.

Não fale nos tubarões, minha nossa! Nós nos apressamos e empurramos um ao outro, lutando para ser o primeiro a subir a escada atrás do barco.

Depois de um minuto, Gat se afastou e me deixou ir na frente.

— Não porque você é menina, mas porque sou uma boa pessoa — ele me disse.

— Obrigada. — Mostrei a língua.

— Mas quando um tubarão arrancar minhas pernas, promete que vai escrever um discurso sobre como eu era incrível?

— Combinado — eu disse. — Gatwick Matthew Patil foi uma refeição deliciosa para um tubarão.

Parecia histericamente divertido passar tanto frio. Não tínhamos toalhas. Juntamo-nos debaixo de um cobertor de lã que encontramos sob os assentos, os ombros despidos tocando um no outro. Pés frios, um em cima do outro.

— É só pra gente não ficar com hipotermia — disse Gat.
— Não pense que te acho bonita ou algo assim.

— Sei que não acha.

— Você está puxando o cobertor.

— Desculpe.

Uma pausa.

— Eu te acho bonita, Cady. Não quis dizer o contrário. Na verdade, quando ficou tão bonita? É perturbador — Gat disse.

— Continuo igual.

— Você mudou durante o ano. Está atrapalhando minha estratégia.

— Você tem uma estratégia?

Ele fez que sim, solene.

— É a coisa mais ridícula que já ouvi. Qual é sua estratégia?

— Nada penetra minha armadura. Nunca notou?

Aquilo me fez rir.

— Não.

— Droga. Achei que estivesse funcionando.

Mudamos de assunto. Falamos sobre levar os pequenos para Edgartown assistir a um filme à tarde, sobre tubarões e se realmente comem pessoas, sobre o jogo *Plantas Versus Zumbis*.

Então voltamos para a ilha.

Não muito tempo depois, Gat começou a me emprestar seus livros e me encontrar na praia pequena no início da noite. Ele me procurava quando eu estava deitada no gramado de Windemere com os cachorros.

Começamos a caminhar juntos na trilha que circunda a ilha, Gat na frente e eu atrás. Falávamos sobre livros ou inventávamos mundos imaginários. Às vezes dávamos a volta várias vezes até ficar com fome ou entediados.

Rosas japonesas demarcavam o caminho com um pink vivo. O cheiro era leve e doce.

Um dia, olhei para Gat, deitado na rede de Clairmont com um livro, e ele parecia... Bem, parecia ser meu. Como se fosse minha pessoa particular.

Fui para a rede ao lado dele em silêncio. Peguei a caneta de sua mão — ele sempre lia com uma caneta na mão — e escrevi *Gat* no dorso de sua mão esquerda e *Cadence* no da direita.

Ele pegou a caneta de mim. Escreveu *Gat* no dorso da minha mão esquerda e *Cadence* no da direita.

Não estou falando de destino. Não acredito em destino, almas gêmeas ou sobrenatural. Só sei que entendíamos um ao outro. Completamente.

Mas tínhamos apenas catorze anos. Eu nunca tinha beijado um menino, embora fosse beijar alguns no ano seguinte, e de alguma forma não rotulávamos aquilo de amor.